

## Cena íntima

Casimiro de Abreu

Como estás hoje zangada  
E como olhas despeitada  
Só p'ra mim!  
- Ora diz-me: esses queixumes,  
Esses injustos ciúmes  
Não têm fim?

Que pequei eu bem conheço,  
Mas castigo não mereço  
Por pecar;  
Pois tu queres chamar crime  
Render-me à chama sublime  
Dum olhar!

Por ventura te esqueceste  
Quando de amor me perdeste  
Num sorrir?  
Agora em cólera imensa  
Já queres dar a sentença  
Sem me ouvir!

E depois, se eu te repito  
Que nesse instante maldito  
- Sem querer -  
Arrastado por magia  
Mil torrentes de poesia  
Fui beber!

Eram uns olhos escuros  
Muito belos, muito puros,  
Como os teus!  
Uns olhos assim tão lindos  
Mostrando gozos infindos,  
Só dos céus!

Quando os vi fulgindo tanto  
Senti no peito um encanto  
Que não sei!  
Juro falar-te a verdade...  
Foi decerto - sem vontade -  
Que eu pequei!

Mas hoje, minha querida,  
Eu dera até esta vida  
P'ra poupar  
Essas lágrimas queixosas,  
Que as tuas faces mimosas  
Vêm molhar!

Sabe ainda ser clemente,

Perdoa um erro inocente  
Minha flor!  
Seja grande embora o crime  
O perdão sempre é sublime  
Meu amor!

Mas se queres com maldade  
Castigar quem - sem vontade -  
Só pecou;  
Olha, linda, eu não me queixo,  
A teus pés cair me deixo...  
Aqui estou!

Mas se me deste, formosa,  
De amor na taça mimosa  
Doce mel;  
Ai! deixa que peça agora  
Esses extremos d'outrora  
O infiel:

Prende-me... nesses teus braços  
Em doces, longos abraços  
Com paixão;  
Ordena com gesto altivo...  
Que te beije este cativo  
Essa mão!

Mata-me sim... de ventura,  
Com mil beijos de ternura  
Sem ter dó,  
Que eu prometo, anjo querido,  
Não desprender um gemido,  
Nem um só!